



## CRISES POLÍTICAS

# Parlamento francês derruba premiê

Parlamentares de esquerda e de ultradireita se unem para aprovar uma moção de censura ao governo de Michel Barnier, que durou apenas 90 dias e se tornou o mais breve do país desde 1958. Episódio enfraquece mais Emmanuel Macron

Foram 90 dias no cargo — o governo mais curto da França desde 1958, quando teve início a Quinta República. Michel Barnier foi destituído, ontem, do cargo de primeiro-ministro depois de uma inédita “união” entre deputados de esquerda e de extrema direita, que culminou com a aprovação de uma moção de censura. O episódio agrava a crise política na segunda maior economia da União Europeia (UE) e fragiliza ainda mais o presidente Emmanuel Macron.

A queda de Barnier teve como impulso discordâncias com o Legislativo sobre a questão orçamentária, mas reflete um descontentamento muito maior. A moção de censura foi aprovada na Assembleia Nacional (câmara baixa) por 331 votos a favor, acima da maioria absoluta de 288. Os parlamentares rejeitaram, ainda, o orçamento proposto para 2025. O premiê apresentará sua renúncia ao presidente hoje, às 10h locais (6h em Brasília), no Palácio do Eliseu.

Embora a censura não afete Macron, cujo mandato termina em 2027, ela o enfraquece, especialmente após ele ter decidido nomear Barnier, 73 anos, como primeiro-ministro em setembro, em nome da “estabilidade” do país. Durante a sessão de ontem, o presidente foi alvo de pedidos de renúncia.

“Para sair do beco sem saída no qual o presidente colocou o país, resta uma solução: pedimos agora



**Para sair do beco sem saída no qual o país, resta uma solução: pedimos agora a Emmanuel Macron que saia”**

**Mathilde Panot,**  
deputada da esquerda radical

a Emmanuel Macron que saia”, declarou a deputada Mathilde Panot, do partido da esquerda radical A França Insubmissa (LFI). Sem pedir diretamente a renúncia, a líder do partido de extrema-direita Reagrupamento Nacional (RN), Marine Le Pen, desafiou Macron, com quem disputou a presidência em 2017 e 2022, a refletir se pode continuar no cargo.

### Pronunciamento

Emmanuel Macron, que chamou de “ficção política” a ideia de renunciar antes do fim de seu segundo mandato, fará um pronunciamento televisado à nação hoje à noite. Sem poder convocar novas eleições legislativas até julho, o presidente parece



O primeiro-ministro junta as mãos ao ouvir o resultado: substituto deve ser anunciado esta semana

disposto a nomear um novo primeiro-ministro “rapidamente”, antes mesmo da cerimônia de abertura da Catedral de Notre Dame, marcada para domingo.

“Ainda não há nada decidido”, afirmam pessoas próximas a Macron, que demorou dois meses para nomear Barnier, cujo partido

conservador Os Republicanos (LR) deixou a oposição para governar juntamente com sua aliança centrista, no poder desde 2017.

Em uma Assembleia Nacional sem maioria clara e dividida em três blocos irreconciliáveis — esquerda, centro-direita e extrema-direita —, o jogo parece mais

aberto. Socialistas e ecologistas, membros da NFP, abriram a porta a acordos com a aliança do presidente, mas o ex-primeiro-ministro de centro-direita Gabriel Attal convocou os primeiros a “se libertarem” antes de seus aliados do LFI.

Por sua vez, Marine Le Pen, que aparece com força nas pesquisas

para a Presidência, garantiu que deixará o próximo chefe de governo “trabalhar”. Ela pediu para que o escolhido esteja disposto a “construir junto” com o RN e a Assembleia “um orçamento aceitável para todos”.

### Orçamento

A negativa de Barnier ao adiamento de janeiro para julho da revalorização das pensões em seu projeto de orçamento de 2025 motivou a extrema-direita a finalmente apoiar a moção de censura, apesar das muitas concessões obtidas.

Com um orçamento focado em cortar os gastos públicos e aumentar temporariamente os impostos para grandes empresas, o governo procurava reduzir o déficit (projetado em 6,1% do PIB em 2024) e a dívida pública (112% do PIB no fim de junho).

“Essa moção de censura piora tudo e torna tudo mais difícil”, ponderou Barnier, antes da votação. Antes, apelou à “responsabilidade” em um momento econômico tenso, com o prêmio de risco da dívida francesa equiparado ao da Grécia.

Com toda instabilidade política e econômica, o clima social também é tenso. Está prevista para hoje uma greve de funcionários públicos, enquanto prossegue a mobilização dos agricultores, especialmente contra um acordo comercial entre a União Europeia (UE) e o Mercosul.

## Em Seul, vigília pela saída de Yoon

A crise política na Coreia do Sul levou a população às ruas da capital, Seul, pelo segundo dia consecutivo. Com velas e cartazes, milhares de pessoas fizeram uma vigília para respaldar o pedido de impeachment do presidente Yoon Suk Yeol, que, na véspera, fracassou na tentativa de um autogolpe. Os legisladores apresentaram uma moção para destituí-lo do cargo, Yoon é acusado de tentar evitar investigações penais sobre ele e sua família ao

impor uma lei marcial, que precisou ser revogada horas depois.

Isolado, Yoon perde cada vez mais apoio. O ministro da Defesa, Kim Yong-hyun, apresentou o pedido de demissão. “Em primeiro lugar, lamento profundamente e assumo total responsabilidade pela confusão e preocupação causadas ao povo e relação à lei marcial (...) Assumi total responsabilidade por todos os assuntos relacionados à lei marcial e apresentei minha renúncia

ao presidente”, afirmou Kim em um comunicado.

O Partido Democrático exige a renúncia de Yoon e anunciou ações judiciais por insurreição contra o presidente, seus ministros da Defesa e do Interior, além de vários comandantes militares e policiais envolvidos. A maior organização sindical do país convocou uma “greve geral por tempo indeterminado” até que o presidente renuncie.

Até mesmo Han Dong Hoon, o

líder da legenda de Yoon, o Partido do Poder Popular, exigiu explicações e garantiu que “todos os envolvidos devem prestar contas”.

“Apresentamos uma moção para destituí-lo, preparada em caráter de urgência”, anunciaram os representantes de seis partidos de oposição. O texto pode ser votado amanhã. Até o fechamento desta edição, a Presidência não havia se pronunciado sobre o pedido.



Uma multidão saiu às ruas para apoiar o impeachment do presidente

## ASSASSINATO EM NOVA YORK

# CEO da UnitedHealthcare é morto a tiros

À frente da UnitedHealthcare, uma das maiores companhias de seguros médicos privados dos Estados Unidos, Brian Thompson foi morto a tiros, ontem de manhã, perto do hotel Hilton Midtown, onde faria uma palestra. A polícia considera que houve um ataque premeditado. “A motivação desse assassinato é desconhecida, mas com base nas provas que temos até agora, parece que a vítima era um alvo específico. Nesse momento, não sabemos por que”, disse o chefe dos detetives, Joseph Kenny.

Casado, pai de três filhos, Thompson, 50 anos, foi baleado pouco antes das 7h locais (9h de Brasília). A polícia de Nova York divulgou imagens nas quais se vê um suspeito com casaco de capuz preto e mochila cinza fazendo vários disparos antes de fugir de bicicleta em direção ao Central Park, perto dali.

De acordo com Joseph Kenny, o atirador chegou a pé ao local do crime, cinco minutos antes de Thompson, que, aparentemente, caminhava sem seguranças na área de grande movimentação. O assassino, que parecia saber a porta por onde a vítima entraria, aproximou-se por trás e começou a atirar no executivo.

Imagens mostraram policiais tentando reanimar Thompson, antes de ele ser levado para um hospital próximo, onde o óbito foi confirmado. Há uma recompensa de US\$ 10 mil (R\$ 60 mil) por informações que levem à identificação e prisão do envolvido.

### Ameaças

Em entrevista à emissora NBC News, Paulette Thompson, viúva de Brian, disse que o marido havia recebido ameaças recentemente.



Peritos colhem evidências em frente ao hotel Hilton Midtown

“Sim, houve algumas ameaças, (embora) basicamente não sei, falta de cobertura? Não sei dos detalhes”, declarou, acrescentando: “Só sei que ele disse que havia pessoas

que o estavam ameaçando.”

Segundo a imprensa norte-americana, a divisão chefiada pelo CEO foi alvo de críticas dos congressistas e reguladores federais,



Brian Thompson, 50 anos, era casado e pai de três filhos

que a acusaram de rejeitar sistematicamente exames médicos e tratamentos aos segurados.

Brian Thompson integrava o UnitedHealth Group há

duas décadas. Tornou-se diretor-executivo da subsidiária na área de saúde, UnitedHealthcare, há três anos. Antes de ocupar o cargo, ele supervisionou os programas governamentais da UnitedHealthcare para empresas e particulares. No total, o grupo tem 440 mil funcionários e faturou US\$ 100,8 bilhões (em torno de R\$ 610,5 bilhões) no terceiro trimestre deste ano. A remuneração total de Thompson em 2023 foi de US\$ 10,2 milhões (R\$ 61,7 milhões).

Por meio de um comunicado, a UnitedHealthcare se colocou à disposição da polícia para elucidar o caso.